

## **A semente como elo de transmissão de aspectos culturais** *The seed as link of cultural transmission.*

PINHEIRO, Régis de Araujo<sup>1</sup>; ANTUNES, Irajá Ferreira<sup>2</sup>; BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripoli<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, regispinheiroagro@gmail.com ; <sup>2-3</sup> Embrapa Clima Temperado, iraja.antunes@embrapa.br; gilberto.bevilaqua@embrapa.br.

### **Eixo temático: 4. Agrosociobiodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores e Comunidades Tradicionais**

#### **Resumo**

Os processos que culminaram na emergência da agricultura teceram e estabeleceram diversos sentidos, simbolismos, significações, ações e percepções na nossa espécie, o que passou a configurar aspectos culturais nos mais diversos agrupamentos sociais ao longo da crosta terrestre. Alheio a tudo isso estão as sementes crioulas. Dessa maneira, objetivou-se elucidar os aspectos culturais que emergem do ato de selecionar as variedades crioula e configurar a semente como um veículo cultural. Com uma pesquisa qualitativa e participativa objetou-se analisar o cotidiano de uma família agricultora que mantém a sua variedade tradicional de cebola. Percebe-se que os atores passaram a ser, paulatinamente, impregnados dos aspectos culturais que o pai trazia consigo e que estavam correlacionados a um perfeito exemplar de cebola. Por meio das artes de narrar, transmitir, imitar, esses atores passaram a ser inseridos no contexto cultural de como selecionar, conservar e reger a agrobiodiversidade. Alheio a tudo isso está a semente, a qual passa a ser caracterizada como um veículo que transmite cultura.

**Palavras-chave:** sementes crioulas; guardiões de sementes; cultura.

**Keywords:** Creole seeds; seed guardians; culture.

#### **Introdução**

O nomadismo como uma tática e estratégia de sobrevivência era uma adaptação forjada para transpor as dificuldades implementadas pelo meio, as quais estavam ligadas, diretamente a escassez de alimentos ou baixas temperaturas. Dessa forma, migrar para outras regiões era mais do que necessário, não só devido a falta de alimentos, mas também, em muitos casos, com os rigores do inverno. A emergência da agricultura desloca, paulatinamente, esse modo que nossos ancestrais teciam suas técnicas, táticas e estratégias para obter a sobrevivência, uma vez que, a domesticação das espécies vegetais e animais trouxe os alimentos para próximo a residência e dessa forma não era mais necessário percorrer longas distâncias e fixou nossa espécie em um determinado raio de habitação o que modificou a forma como nossos ancestrais estabeleciam para sobreviver. Deixamos de ser nômades, tornamo-nos sedentários.

Com a emergência da agricultura novos processos passam a ser tecidos pelos nossos ancestrais. Passamos a adaptar e a confeccionar novas ferramentas, utensílios e artefatos para serem utilizados na arte de cultivar os alimentos, os quais outrora eram destinados para a caça, pesca e coleta, o que nos permite espriar o

pensar de que a emergência da agricultura e a domesticação das espécies vegetais e animais ampliaram não só a agrobiodiversidade, em decorrência da modificação da constituição genética e fenotípica em plantas e animais. A protoagricultura passa a tecer na mente dos nossos ancestrais, novas percepções, simbolismos, significações, sentidos, sentimentos, que são observados nos locais de cultivo de alimentos e colocados em prática. Tudo isso pode ser visto nos mais diversos sistemas agrícolas e na ampla agrobiodiversidade ainda existente, desde os altiplanos andinos, as montanhas chinesas, a planície amazônica, existem formas de agri-culturas que passaram a ser tecidas pelas percepções e adaptações dos mais diversos povos. Jerome Bruner (2001) nos lembra que desde os primórdios a tessitura e confecção de artefatos e ferramentas possibilitaram em nossa espécie um viver cultural, uma vez que, as observações transformadas em informações relacionadas as determinadas pedras, que eram lascadas com maior facilidade do que outras, passaram a tecer na espécie humana o viver cultura, a qual foi impregnada de sentidos, simbolismos, significações que deram razão a um viver cultural.

Ao pensarmos na “agri-cultura” e em todos os processos que lhes são inerentes, percebe-se um ser vivo essencial, o qual é perpetuado desde a sua origem, a semente. Em síntese, a perda de diversos caracteres genéticos ocasionados pelo processo de domesticação ocasionou uma atitude necessária em nossa espécie, o guardar as sementes. Algo que é trazido por Pinheiro; Demenech (2017) que para o autor o guardar não é simplesmente o ato de colocar a semente em um determinado local, mas sim, plantar, cuidar, colher, compartilhar. A “agri-cultura” forjou uma adaptação na nossa espécie, uma vez que, para podermos plantar novamente era necessário conservar as sementes. É nesse meio que emergem os primeiros agricultores guardiões de sementes. Esse trabalho tem como objetivo trazer novos olhares relacionados a conservação das sementes crioulas pelas famílias agricultoras guardiãs de sementes e relacionar a semente como um organismo disseminador de cultura, ou de “agri-cultura”.

## **Metodologia**

Por intermédio de uma abordagem metodológica qualitativa e participativa, almejou-se dar vez e voz a uma família agricultora guardiã de sementes do município de São José do Norte, o qual está localizado no litoral médio do Rio Grande do Sul. O critério de seleção adotado foi a descoberta da referida família ser a única, em todo o município, que ainda mantém variedades crioulas de cebolas. Processo que vem sendo efetuado desde o ano de 1952 quando o Sr. Wilson Fontes Pinheiro e a Sra. Wandira Pinheiro uniram-se em matrimônio e passaram a residir na localidade da Costa do Oceano.

Como técnica de pesquisa, adotou-se as conversas, as quais emergem não só como uma técnica de pesquisa que visa aproximar os *participantes pensantes* do processo, mas também como uma atitude política-epistemológica-pedagógica, a qual funde e permite uma maior relação entre os atores e desloca a relação pesquisador-pesquisado. A adotar as conversas e ter os atores como *participantes pensantes* do processo de pesquisa é trazê-los para o cerne do que se pretende

descobrir, dando-lhes vez, voz para questionar, opinar e modificar o processo de construção do conhecimento, mais do que isso, é considerar os seus e as suas formas de conhecimentos. (SERPA, 2010; BOGDAN; BIKLEN, 1994).

## Resultados e Discussão

Alheio as mais diversas formas de se tecer a “agri-cultura” encontram-se as sementes. A semente é início e o fim de tudo, a origem. As “agri-culturas” não existiriam se não existissem sementes, mas estas existiriam caso não existissem as “agri-culturas”, uma vez que a adaptação é o processo *sine qua non* a sobrevivência das espécies, algo que Charles Darwin (2003) já mostrara. No entanto, as sementes domesticadas passaram a estabelecer um processo de cossobrevivência com a espécie humana, uma simbiose, a qual uma provém alimento em troca de abrigo e a chance de novamente ser depositada no leito de semeadura pela mão de agricultores e agricultoras e dessa forma, gerar plantas que serão cuidadas e que produzirão novas sementes. Esse é processo originário das “agri-culturas” as quais são elaboradas e tecidas das mais diversas formas, uma vez que, essas formas, estilos de “agri-culturas” são frutos do conhecimento construído em um dado *espaço tempo*<sup>1</sup> de vida de agricultores e agricultoras, o que Pinheiro e Demenech (2017) denominam de cotidianos, ou seja, um *espaço tempo* de criação, reinvenção, adaptação e de construção do conhecimento dos agricultores e das agricultoras.

Dessa maneira, insere-se a família agricultora de Seu Wilson e Dona Wandira e nas narrativas, histórias, oralidades que emergem da garganta da agricultora e de seus filhos. Infelizmente, não podemos contar com a voz do agricultor, pois o tempo a silenciou.

Richard Dawkins (2008) traz a existência de partículas replicadoras de cultura, tais quais os nossos genes que são transmitidos e herdados pelas sucessivas gerações, os *memes* (unidades replicadoras de cultura) são transmissores de partículas culturais que são herdadas pelos atores, o que o autor denominou de ideias “slogans” que são capazes de ser transmitidas de um cérebro ao outro, o que paulatinamente vai edificando os aspectos culturais nos atores sociais. Jerome Bruner (2001) é capaz de nos inserir no contexto de transmissão cultural, ao mostrar que a cultura é “superorgânica” e que tem a capacidade de moldar a mente dos seres que estão inseridos em um contexto cultural, o qual dá a cada ator a capacidade de produzir significados, bem como de atribuir significados diferentes a determinadas coisas. Os *memes* encontram nos atores e no contexto cultural que estão inseridos um campo fértil para se replicarem e, por conseguinte dar significados, sentidos, simbolismos percepções as mais diversas coisas. Os

---

<sup>1</sup>A aglutinação de termos, estética de escrita validado por Nilda Alves (2002), tem como pressuposto e objetivo produzir e ampliar sentidos e significações tecidos em redes, por uma junção e para romper a dicotomia do saber e da realidade. “A partir dessa compreensão, nas pesquisas com os cotidianos, escrevemos esses termos que nos acostumamos a ver dicotomizados pelo desenvolvimento das ciências na Modernidade, formando uma só palavra e em itálico: *espaços tempos; aprendizagens ensinios; dentro fora; práticas teorias*; etc. Esse modo de escrever/pensar serve para mostrar os limites que essa visão dicotomizada cria ao desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos” (ALVES, 2013, p. 160). Essa estética, sempre possível, será utilizada neste trabalho.

significados, sentidos, simbolismos, percepções são comunicáveis e negociáveis e constituem a base do intercâmbio cultural o qual é dinamizado pelos processos de oralidades, narrativas, conversas, imitações.

É nesse quesito que se inserem as sementes. Ao selecionar ou preparar o alimento, sentidos, simbolismos, significações são postos a forja da transmissão, os quais requerem um ser que seja capaz de comunicar algo e outro capaz de recebê-lo e passar a implementar esse algo, esses *memes* em suas práticas cotidianas, as quais estão impregnadas de sistemas simbólicos de cultura. Logo, é necessário inserir os cotidianos da família agricultora analisada e os processos efetuados para selecionar e manter a sua variedade crioula de cebola. O agricultor tinha em sua memória as características, os significados, os sentidos e o simbolismo de um perfeito exemplar de cebola. Segundo os filhos, uma cebola perfeita deveria ser semelhante a uma esfera, de coloração vermelho pinhão, ter uma grande quantidade de escamas que recobrissem o bulbo de maneira perfeita, o menor diâmetro do talo ou pescoço possível e o local de inserção das raízes o mais para fora do bulbo possível. Esses sentidos, destoavam das variedades tradicionais com seu formato pera, as quais tinham o local de inserção do sistema radicular inserido no interior do bulbo, fato que ocasionava uma maior perda de produto, a cebola, quando fosse realizar o corte para o preparo dos alimentos. Os filhos também relatam que o menor diâmetro de talo ou pescoço, o agricultor correlacionava com uma menor incidência da doença camisa d'água, a qual ocorre durante a fase de armazenamento do bulbo e causa perdas significativas.

Esses sentidos, simbolismos, significados eram cotidianamente demonstrados, narrados aos filhos, uma vez que esses também participavam do processo de seleção da variedade crioula de cebola da família, logo, o Sr. Wilson passou a impregnar a memória de seus filhos de *memes*, simbolismos, sentidos, percepções que estavam relacionados ao perfeito exemplar de cebola, o que passa a configurar um processo de transmissão e herança cultural. Os filhos ao selecionarem os bulbos passavam a ter em sua memória, percepções e práticas o que realmente exemplificava um perfeito exemplar de cebola. Mais do que isso, passaram a ser portadores da cultura, da arte de selecionar as variedades. Um fato que é narrado pelos filhos, dá-se na intrínseca busca pela perfeição nas atitudes do pai que vivia com suas lavouras cheias de estacas onde marcava determinadas plantas e parcelas as quais também passavam a ser fonte de seleção.

Alheio a tudo isso, ao ato de selecionar, cultivar, observar, colher, selecionar novamente, está a semente, a qual sem ela não existiria a variedade crioula da família, bem como não existira as percepções que foram forjadas ao longo do processo de seleção na memória do casal de agricultores e de seus filhos. O mais interessante é que os filhos narram que a obsessiva busca por um diâmetro de talo/pescoço menor possível, ocasionou na variedade uma pequena quantidade de folhas, o que também ocasionava o desprendimento dessas do bulbo no ato de colher manualmente as cebolas, fato que ocasionava a perda do produto, uma vez que nesse momento da história as cebolas eram comercializadas em réstias, uma trança feita com as cebolas com as suas folhas secas entremeadas com juncos retirados dos banhados locais. As cebolas que apresentavam uma maior facilidade

em ter a sua parte aérea destacada do bulbo não poderiam ser anexadas as rústias, logo, não apresentavam valor comercial. Dessa maneira, o agricultor passou a remoldar a sua variedade, mostrou aos filhos que deveriam selecionar aquelas cebolas que tivessem o maior diâmetro de pescoço, algo que passou a ser selecionado tanto nas lavouras produtoras de bulbo, quanto nos galpões onde se armazenavam as cebolas. Isso fez com que a família remoldasse suas percepções, sentidos, simbolismos e passasse a estabelecer um novo diâmetro padrão que estivesse relacionado com a menor incidência de camisa d'água.

## Conclusões

A semente da família é mais do que uma variedade de cebola, são formas de se manejar e reger a agrobiodiversidade, as quais estão elencadas nas percepções, sentidos, significações que os atores atribuem as coisas, o que configura um aspecto cultural dessa família agricultora. Logo, a semente é o veículo que era capaz de inserir esses atores sociais em um contexto cultural, o contexto de selecionar uma variedade crioula para ofertar ao mercado uma cebola de característica diferenciada. Os *memes* do agricultor foram transmitidos conjuntamente com a sua variedade crioula de cebola, o que elucida a semente como um veículo que é portador de sentidos, simbolismos, significações, ações, percepções que estão inseridos na memória dos atores que as mantêm. Os processos de trocas das sementes efetivam por meio das narrativas, oralidades, imitações a transmissão dos *memes* e a efetivação de contextos culturais que passam a ganhar sentido e significados nas práticas dos agricultores e agricultoras.

## Referências bibliográficas

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, Ltda. 1994. 336 p.

BRUNER, J. S. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001;

DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Hemus, 2003. 572 p.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 273 p.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. 568 p.

PINHEIRO, R. A.; DEMENECH, F. Tecendo olhares em torno dos cotidianos dos agricultores "guardiões de sementes" para a construção do conhecimento agroecológico. In: Congresso Brasileiro De Agroecologia, 10. 2017, Brasília. **Anais...**Brasília: Cadernos de Agroecologia, 2017. p. 1 –5

SERPA, A. Conversas: caminhos da pesquisa com o cotidiano. **A página da Educação**, PROFEDIÇÕES, v. 189, 2010, p. 1-25.